



“Bodhidharma”, desenho do artista japonês Sesshū Tōyō (1420-1506).
Fonte: *The Laṅkāvatāra sūtra* (frontispício).

Sobre a consciência no sutra budista Laṅkāvatāra (c. 350-400 EC)

Bodidarma (séc. V)

Trechos de BODHIDHARMA, *The Laṅkāvatāra sūtra: a Mahāyāna text*, traduzido do sânscrito pelo filósofo japonês Daisetz Teitaro Suzuki, George Routledge & Sons, London, 1932. Online em: http://lirs.ru/do/lanka_eng/lanka-nondiacritical.htm Baseado na edição em sânscrito de Nanjō Bunyū, de texto conservado no Nepal, publicado pela Editora da Universidade de Ōtani, Kyoto, em 1923. O texto faz parte da difusão do budismo na China, estando associado ao budismo Yogācāra (praticantes de Yoga), Citta-mātra (somente mente) ou Vijñānavāda (escola da consciência), sendo uma das principais escolas de pensamento budista Mahāyāna. Trata-se de uma versão radical de idealismo, segundo a qual só haveria representação: a realidade do mundo dos fenômenos seria uma projeção criada pela consciência. Outra doutrina idealista digna de nota é o Drṣṭisrṣṭi do séc. X, um desdobramento do hinduísmo da Advaita Vedānta, para o qual o mundo é criado pela percepção. Seleção de trechos por Mariana Bardelli. Há outra tradução disponível de uma edição bem diferente da de Bunyū. A maioria dos termos em colchetes sem itálico foram introduzidos por Suzuki, em itálico pelo presente tradutor. Números em colchetes correspondem à página da versão de Suzuki. Tradução do inglês feita por Osvaldo Pessoa Jr. para o curso de TCFC 3: Filosofia da Ciência da Mente e do Encéfalo, FFLCH, USP, 2022.

CAPÍTULO DOIS: COLEÇÃO DE TODOS OS DHARMAS [o que está estabelecido]

[...] [33] § IV. Sobre as Vijñānas [consciências]

Naquele momento, Mahāmati, o Bodhisattva-Mahāsattva¹ falou novamente para o Santificado: De quantas maneiras, ó Santificado, ocorre a ascensão, a permanência e a cessação das Vijñānas?²

O Santificado respondeu: Há duas maneiras, Mahāmati, em que ocorre a ascensão, a permanência e a cessação das Vijñānas, e isso não é compreendido pelos filósofos. Mais especificamente, a cessação ocorre com respeito à continuação e à forma. Também na ascensão das Vijñānas, essas duas são reconhecíveis: a ascensão com respeito à continuação e a ascensão com respeito à forma. Também na continuação, essas duas [são discerníveis]: uma ocorrendo com respeito à continuação e a outra com respeito à forma.

Três modos de ser [Lakṣaṇas] são distinguíveis nas Vijñānas: (1) as Vijñānas enquanto evolução [as evolving] [pravṛitti], (2) as Vijñānas como produtora de efeitos [karma], e (3) as Vijñānas enquanto permanência em sua natureza original [jāti].

[Além disso,] Mahāmati, nas Vijñānas há oito funções, duas das quais são geralmente distinguíveis: a percepção e a discriminação [de objetos]. Assim como um espelho reflete formas, Mahāmati, a Vijñāna perceptiva percebe [34] objetos. Mahāmati, entre as duas, a Vijñāna perceptiva e a Vijñāna discriminadora de objetos, não há diferença alguma; eles são mutuamente condicionantes.

¹ Mahāmati, um Bodhisattva-Mahāsattva, é o interlocutor do Buddha, o Santificado, no *Laṅkāvatāra*. “O *Laṅkā* é um memorando guardado por um mestre [do Budismo] Mahayana, em que ele coloca talvez todos os ensinamentos de importância aceitos pelos discípulos de sua época” (SUZUKI, 1932, p. xi). Um Bodhisattva é um ser (*sattva*) iluminado (*bodhi*), alguém que já tem um considerável grau de esclarecimento e procura ajudar os outros seres humanos no cultivo da sabedoria e das virtudes; Mahāsattva indica um nível muito alto de esclarecimento.

² “A palavra *Vijñāna* é composta do prefixo *vi*, que significa ‘dividir’, e da raiz *jñā*, que significa ‘perceber’, ‘conhecer’. Assim, *Vijñāna* é a faculdade de distinguir, discernir ou julgar. Quando um objeto é apresentado ao olho, ele é percebido e julgado como sendo uma maçã vermelha ou um pedaço de linho branco; a faculdade de fazer isso é chamada de *Vijñāna-ocular*. Analogamente, há a *Vijñāna-auditiva* para o som, a *Vijñāna-nasal* para o odor, a *Vijñāna-lingual* para o paladar, a *Vijñāna-corporal* para o tato, e a *Vijñāna-mental* [*thought-Vijñāna*] (*Manovijñāna*) para ideias – ao todo seis formas de *Vijñāna* para distinguir os vários aspectos do mundo externo ou interno” (SUZUKI, 1932, p. xxi).

Assim, Mahāmati, a Vijñāna perceptiva funciona por causa de transformações que ocorrem [na mente] devido a uma misteriosa energia-de-hábito [*vasana*, ou memória], ao passo, Mahāmati, que a Vijñāna discriminadora de objetos funciona porque a mente discrimina um mundo objetivo e por causa da energia-de-hábito acumulada por raciocínio errôneo desde tempos sem início.³

Novamente, Mahāmati, a cessação de todas as Vijñānas sensoriais significa a cessação do variado acúmulo de energia-de-hábito da Ālayavijñāna, que é gerada quando discriminam-se irrealidades.⁴ Isso, Mahāmati, é conhecido como a cessação do aspecto de forma das Vijñānas.

Novamente, Mahāmati, a cessação do aspecto de continuidade das Vijñānas ocorre da seguinte maneira: qual seja, Mahāmati, quando tanto aquilo que suporta [as Vijñānas] quanto aquilo que é compreendido [pelas Vijñānas] deixa de funcionar. Aquilo que suporta [as Vijñānas] significa a energia-de-hábito que vem sendo acumulada por raciocínio errôneo ao longo do tempo sem início; e aquilo que é compreendido [pelas Vijñānas] significa o mundo objetivo percebido e discriminado pelas Vijñānas, que no entanto nada mais é do que a própria Mente.⁵

Mahāmati, é como uma porção de barro e as partículas de pó que constituem sua substância, elas não são nem diferentes nem não-diferentes [iguais]; e assim também para o ouro e os vários ornamentos feitos com ele. Mahāmati, se a porção de barro for diferente das partículas de pó, nenhuma porção de barro surgiria a partir delas; mas como ela surge a partir delas, ela não é diferente das partículas de pó. Por outro lado, se os dois forem não-diferentes, a porção seria indistinguível de suas partículas.⁶

Mesmo assim, Mahāmati, se as Vijñānas evoluidoras fossem diferentes da Ālayavijñāna, mesmo em sua forma original, as Ālayas não podem ser sua causa. Novamente, se eles não forem diferentes, a cessação das Vijñānas evoluidoras significa a cessação da Ālayavijñāna, mas não há cessação de sua forma original. Portanto, Mahāmati, o que cessa de funcionar não é [35] a Ālaya em suas forma-própria [*self-form*] original, mas é a forma produtora-de-efeitos das Vijñānas. Quando esta forma-própria original

³ “O sistema inteiro das funções mentais é chamado de *Laṅkā* Cittakalāpa ou Vijñānakāya; Citta e Vijñāna são usadas aqui como sinônimas. Neste sistema mental distinguem-se oito modos de atividade: Ālayavijñāna, Manas, Manovijñāna e as Vijñānas dos cinco sentidos. Estas oito Vijñānas são agrupadas em dois grupos, um conhecido como Khyāti-Vijñāna (Vijñānas perceptivas) e outro como Vastuprativikalpa-vijñāna (Vijñāna discriminadora de objeto). Mas de fato as Vijñānas não são separáveis nestes dois grupos, pois perceber é discriminar” (SUZUKI, 1932, p. xxii).

⁴ “*Ālayavijñāna* é *ālaya* + *vijñāna*, e *ālaya* é o armazém onde as coisas são acumuladas para uso futuro. O Citta, enquanto uma faculdade acumulativa, é assim identificada com a Ālayavijñāna. A rigor, o Ālaya não é um Vijñāna, não tem em si nenhum poder de discernimento; ele abriga indiscriminadamente tudo que é despejado nele através dos canais das Vijñānas. O Ālaya é perfeitamente neutro, indiferente, e não se propõe a tecer juízos” (SUZUKI, 1932, p. xxii). *Ālayavijñāna* é às vezes traduzido por “Mente Universal”, mas TOLA & DRAGONETTI (2005, p. 462) usam “consciência receptáculo” (TOLA, F. & DRAGONETTI, C., 2005, “Philosophy of mind in the Yogacara Buddhist idealistic school”, *History of Psychiatry* 16: 453-465).

⁵ “Das seis Vijñānas [mencionadas na nota 2], a Manovijñāna é a mais importante, pois está diretamente relacionada a uma faculdade interna conhecida como Manas. Manas corresponde grosso modo à mente como um órgão do pensamento, mas de fato ele é mais do que isso, pois ele é também um forte poder de se ligar ao resultado do pensamento. Este último pode até ser considerado subordinado a este poder de ligação. O Manas primeiro tem vontade, depois ele discrimina para julgar; julgar é dividir, e esta divisão termina vendo a existência de maneira dualista. Assim, tem-se a ligação tenaz do Manas a uma interpretação dualista da existência. Ter vontade e pensar estão inextricavelmente serzidos na textura do Manas. *Citta* vem da raiz *cit*, ‘pensar’, mas no *Laṅkā*, a derivação é feita a partir da raiz *ci*, ‘empilhar’, ‘ordenar’. O Citta é assim um armazém onde as sementes de todos os pensamentos e atos são acumulados e armazenados. Citta, porém, tem um duplo sentido, geral e específico. No sentido geral, significa ‘mente’, ‘mentação’, ‘ideias’, incluindo as atividades do Manas e do Manovijñāna, e também dos Vijñānas; por outro lado, especificamente, ele é sinônimo de Ālayavijñāna em seus aspectos relacionais, e distinguível das outras faculdades mentais. Porém, quando é usado na forma de Citta-matra, Somente-mente (*Mind-only*), ele adquire outra conotação. Podemos dizer que Citta aparece aqui em seu sentido mais elevado, pois não é nem simplesmente mentação ou intelecção, nem percepção como uma função da consciência. Ele pode ser identificado com o Ālaya em seu aspecto absoluto” (SUZUKI, 1932, p. xxi-xxii). Manas é chamado por TOLA & DRAGONETTI (2005, p. 463) de “consciência de si” (*self-consciousness*, *ego-awareness*).

⁶ Estas duas últimas orações foram levemente modificadas pelo tradutor para destacar o argumento lógico.

cessa de existir, então de fato haverá a cessação da Ālayavijñāna. Se, no entanto, houver a cessação da Ālayavijñāna, esta doutrina não se distinguirá de maneira alguma da doutrina niilista dos filósofos.⁷

Esta doutrina, Mahāmati, conforme defendida pelos filósofos, é a seguinte: Quando a apreensão de um mundo objetivo cessa, a continuação das Vijñānas termina; e quando não há mais desta continuação nas Vijñānas, destrói-se também a continuação que vem ocorrendo ao longo do tempo sem início. Mahāmati, os filósofos sustentam que há uma primeira causa a partir da qual ocorre a continuação; eles não sustentam que a Vijñāna-ocular surge da interação da forma e da luz; eles supõem uma outra causa. Qual é esta causa, Mahāmati? Sua causa primeira [segundo diferentes filósofos] é conhecida como espírito [*pradhāna*], alma [*purusha*], senhor [*īśvara*], tempo ou átomo.

[...] [39] § IX. A evolução e a função das consciências; a disciplina espiritual do Bodhisattva; versos sobre o oceano-Alaya e as ondas-Vijñānas

Então Mahāmati falou: Ensina-me, ó Santificado, sobre a doutrina mais sutil que explica o Citta, o Manas, a Manovijñāna, os cinco Dharmas, os Svabhāvas e as Lakshanas;⁸ que é posta em prática pelos Buddhas e Bodhisattvas; que é separado do estado de mente que reconhece o mundo como algo externo à própria Mente; e que, quebrando todas as chamadas verdades estabelecidas por palavras e raciocínios, constitui a essência dos [40] ensinamentos de todos os Buddhas. Ensine a essa assembleia comandada pelos Bodhisattvas reunidos no Monte Malaya na cidade de Laṅkā; ensine-os sobre o Dharmakāya que é louvado pelos Tathagatas e que é o reino da Ālayavijñāna, que se assemelha ao oceano com suas ondas.⁹

Então o Santificado, dirigindo-se novamente para Mahāmati, o Bodhisattva-Mahāsattva, assim falou: Há quatro razões pelas quais a Vijñāna-ocular surge. Quais são? São elas: (1) O agarrar-se a um mundo externo, sem saber que é a própria Mente; (2) A ligação à forma e à energia-de-hábito acumulada ao longo do tempo em início por raciocínio falso e visões errôneas; (3) A natureza própria [*self-nature*] inerente à Vijñāna; (4) A ansiedade por múltiplas formas e aparências. Devido a essas quatro razões, Mahāmati, as ondas das Vijñānas evolucionadoras são agitadas na Ālayavijñāna, que se assemelha às águas

⁷ Pode estar se referindo aos antigos filósofos materialistas da escola Cārvāka ou Lokāyata, para quem a morte é o aniquilamento do indivíduo.

⁸ “Os cinco Dharmas e as três Svabhāvas são diferentes maneiras de classificar o mesmo material. Os cinco [Dharmas] são: Aparências (*nimitta*), Nomes (*nāma*), Discriminação (*samkalpa*), Conhecimento Correto (*samyagjñāna*) e Quididade [*Suchness*] (*tathatā*). Os três primeiros correspondem a duas das três Svabhāvas, Parikalpita e Paratantra, enquanto os dois últimos pertencem ao Parinishpanna. [...] *Svabhāva* significa “natureza própria” [*self-nature*] [...]. A primeira forma de conhecimento pela qual a realidade das coisas é assumida é chamada Parikalpita, “imaginada”, ou seja, imaginação no seu sentido ordinário. Trata-se de uma ilusão, quando imagina-se que existam coisas quando na verdade não há nada. [...] A segunda forma de conhecimento pela qual examinamos a existência é Paratantra, “dependência em outro”. Este é um tipo de conhecimento científico baseado na análise. Os budistas fazem uso deste conhecimento para refutar a substancialidade dos objetos individuais, ou seja o *svabhāvatva* das coisas. De acordo com eles, não há nada auto-existente [*self-existing*] no mundo, tudo depende de outro para sua existência, as coisas estão universalmente mutuamente condicionadas, relacionadas umas com as outras de maneira sem fim. [...] A visão imaginada (*parikalpita*) da realidade não nos dá um conhecimento verdadeiro dela, e a visão de relatividade (*paratantra*) reduz ela a nada [*nothingness*]: sendo assim, onde ancoramos nosso barco do esclarecimento? O *Laṅkā* nos diz que há um terceiro caminho para se ver a existência, chamado Parinishpanna, “aperfeiçoado”, que nos permite travar contato verdadeiro com a realidade como ela é” (SUZUKI, 1932, p. xxxii-xxxiv).

⁹ “*Parāvṛitti* significa literalmente ‘virada’ ou ‘mudança’; tecnicamente, trata-se de uma mudança ou transformação espiritual que ocorre na mente, geralmente subitamente, que chamei de ‘repulsa’ [*revulsion*], correspondendo ao que é conhecido como uma ‘conversão’ nos estudos psicológicos da religião. [...] Uma compreensão meramente intelectual da verdade não é suficiente na vida de um budista; a verdade deve ser apreendida diretamente, vivenciada pessoalmente, penetrada intuitivamente; pois assim ela será destilada na vida e irá determinar seu curso. Este Parāvṛitti, de acordo com o *Laṅkā*, ocorre no Ālaya-vijñāna, ou a Mente que tudo conserva, que supõe-se existir por detrás de nossa consciência empírica individual. O Ālaya é uma entidade metafísica, e nenhuma análise psicológica pode alcançá-la. O que conhecemos ordinariamente como o Ālaya é seu funcionamento através da mente relativa. O Mahayana chama esta fase do Ālaya de manchada ou contaminada (*klišhta*), e diz que ela deve ser limpa para que tenhamos a experiência de um Parāvṛitti, para alcançarmos a realidade última” (SUZUKI, 1932, p. xvii).

de uma enchente. O mesmo que foi dito para a Vijñāna-ocular [pode ser dito para as outras Vijñānas perceptivas]. Essa consciência surge de repente ou aos poucos em cada órgão dos sentidos, incluindo seus átomos e poros na pele; o campo sensorial é apreendido como um espelho que reflete objetos, como o oceano varrido por um vento. Mahāmati, de maneira semelhante as ondas do oceano-mente são agitadas ininterruptamente pelo vento da objetividade; causas, ações e aparências condicionam-se mutuamente inseparavelmente; as Vijñānas que funcionam e a Vijñāna original estão assim inextricavelmente ligadas; e por causa da natureza própria da forma etc. não é compreendida, Mahāmati, o sistema das cinco Vijñānas passa a funcionar. Além deste sistema de cinco Vijñānas, há também o que é conhecido como Manovijñāna [isto é, a função pensante da consciência], a partir da qual o mundo objetivo é distinguido e aparências individuais são determinadas distintamente, e é nessa que o corpo físico tem sua origem. Mas na Manovijñāna e nas outras Vijñānas não há ideia de que elas sejam mutuamente condicionadas e de que elas se originam de sua ligação com a discriminação, que é aplicada às projeções da própria Mente. Assim, as Vijñānas seguem funcionando, mutuamente relacionadas, de maneira muito íntima e discriminando um mundo de representações.

[41] Assim como as Vijñānas seguem funcionando [sem estarem conscientes do que estão fazendo], também os Ioguis, quando entram em um estado de tranquilização [*samāpatti*] não estão cientes do funcionamento da sutil energia-de-hábito [ou memória] dentro de si mesmos; pois eles acham que entram em um estado de tranquilização por extinguirem as Vijñānas. Mas [de fato] eles estão neste estado sem extinguirem as Vijñānas, que ainda subsistem porque as sementes de energia-de-hábito não foram extinguidas; e [aquilo que eles imaginam ser] uma extinção é na verdade o não-funcionamento do mundo externo, ao qual eles não estão mais ligados. Eis pois, Mahāmati, o funcionamento sutil da Ālayavijñāna, que não é fácil de compreender, salvo pelos Tathāgata e aqueles Bodhisattvas que conquistaram os estágios; é difícil de distinguir [especialmente] por aqueles que praticam a disciplina pertencentes aos Śrāvakas, Pratyekabuddhas e filósofos, mesmo com seus poderes de Samādhi e conhecimento transcendental.¹⁰ Apenas aqueles que, compreendendo inteiramente todos os aspectos dos diferentes estágios da Bodhisattvidade, com o auxílio de seu conhecimento transcendental, adquirindo uma cognição definida com respeito ao significado das proposições separadas, plantando as raízes da bondade nas terras de Buddha que não conhecem limites, e mantendo-se afastados das discriminações e raciocínios falsos que surgem do reconhecimento de um mundo externo que nada mais é do que a própria Mente, retiram-se para uma morada isolada na floresta e dedicam-se à prática da disciplina espiritual, quer alta ou baixa, ou intermediária, somente esses são capazes de obter uma intuição [*insight*] sobre o fluxo da própria Mente em um mundo de discriminação, de serem batizados pelos Buddhas vivos nas terras sem limites, e de realizar o auto-controle, poderes, faculdades psíquicas e Samādhis. Cercados de bons amigos e Buddhas, Mahāmati, eles são capazes de conhecer o Citta, o Manas, a Manovijñāna, que são os agentes discriminadores do mundo externo, cuja natureza-própria é a própria Mente; eles são capazes de atravessar o oceano do nascimento e da morte, que surge por razão dos atos, desejos e ignorância. Por esta razão, Mahāmati, os Ioguis devem se exercitar [42] na disciplina que lhes foi dada por seus bons amigos e pelos Buddhas.

Naquele momento, o Santificado recitou os seguintes versos:

99. Como as ondas que sobem no oceano agitado pelo vento, dançando sem interrupção,

100. O oceano-Ālaya, de maneira semelhante, é constantemente agitado pelos ventos da objetividade, e é visto dançando com as Vijñānas, que são as ondas da multiplicidade.

¹⁰ Śrāvaka designa um ouvinte ou discípulo budista, seguidor do Śrāvaka Dharma, com faculdades menos desenvolvidas. Mais desenvolvidos estão os Pratyekabuddhayāna (que significa buddha solitário) e os Arhats, alguém que atingiu a iluminação sem o auxílio de professores, e que não ensina os outros. Eles estão abaixo do “Grande Veículo” Mahāyāna, seguidores do Bodhisattva Dharma, que podem atingir o Tathāgata (termo usado por Buddha para si mesmo) ou Samyaksambuddha (buddha perfeito) (fonte: Wikipédia). Os “filósofos” são bastante mencionados de maneira genérica no *Laṅkāvatāra*, e referem-se aos pensadores do hinduísmo (“defensores do Íśvara”, “seguidores de Shiva”, “teólogos brâmanes”) – com menção ocasional às escolas Nyāya, Samkhya e Vaiśeṣika – e possivelmente do jainismo, com a menção aos “filósofos nus” (que podem ser os jainistas da escola Digambara). “*Samāhita*, *samādhi*, *samāpatti* e *ekāgra* podem ser entendidos como sinônimos, denotando um estado de consciência em que a mente está mais intensamente concentrada em um único pensamento. Trata-se do estado receptivo da intuição, ao contrário, do estado ativo do pensamento” (SUZUKI, 1932, p. 43).

101. Azul escuro, vermelho [e outras cores], com sal, conchas, leite, mel, fragrâncias de frutas e flores, e raios de sol;

102. Eles não são nem diferentes nem não-diferentes: a relação é como aquela entre o oceano e suas ondas. Assim também são as sete Vijñānas unidas com o Citta [mente].

103. Assim como as ondas, em sua variedade, são agitadas no oceano, também na Ālaya é produzida a variedade do que é conhecido como Vijñānas.

104. O Citta, o Manas e as Vijñānas são discriminadas com respeito à sua forma; [mas em substância] as oito não devem ser separadas umas das outras, pois não há qualificado nem qualificante.¹¹

105. Assim como não há distinção entre o oceano e as ondas, assim também no Citta não há evolução das Vijñānas.

106. O Karma¹² é acumulado no Citta, refletido pelos Manas, e reconhecido pela Manovijñāna, e o mundo observável é discriminado pelas cinco Vijñānas. [...]

[...] [44] § XI. Os três aspectos da nobre sabedoria (*āryajñāna*); a conquista do Tathāgatakāya

Além disso, Mahāmati, quando o Bodhisattva-Mahāsattva [45] estabelecer-se na morada onde ele adquiriu uma compreensão minuciosa da Mente por meio do conhecimento transcendental, ele deverá posteriormente disciplinar-se no cultivo da nobre sabedoria em seu aspecto triplo. Quais são os três aspectos da nobre sabedoria, Mahāmati, nas quais ele deverá posteriormente se disciplinar? Eles são: (1) a falta de imagens [*imagelessness*]; (2) o poder adicionado por todos os Buddhas em razão de seus votos originais; e (3) a auto-realização [*self-realization*] atingida pela nobre sabedoria. Uma vez que tenham sido dominados, o Iogui deve abandonar seu conhecimento de Mente adquirido por meio da sabedoria transcendental, que ainda se assemelha a um asno manco; e adentrando ao oitavo estágio da Bodhisattvveidade, ele deve se disciplinar ainda mais nesses três aspectos da nobre sabedoria.

E novamente, Mahāmati, o aspecto da falta de imagens impõe-se quando todas as coisas pertencentes aos Śrāvakas, Pratyekabuddhas e filósofos são minuciosamente dominadas. Novamente, Mahāmati, quanto ao aspecto da auto-realização da nobre sabedoria, ela surge quando um Bodhisattva, afastando-se de ver todas as coisas em sua fenomenalidade, realiza o corpo-Samādhi por meio do qual ele examina o mundo como se fosse uma visão, e além disso procede para atingir o estágio de Buddha. Mahāmati, esta é a triplicidade da nobre vida. Possuidores desta triplicidade, os nobres atingirão o estado de auto-realização que é o resultado da nobre sabedoria. Por esta razão, Mahāmati, você deve cultivar a nobre sabedoria em seu aspecto triplo.

[...] [46] § XII. Lógica nos cornos da lebre

O Abençoado falou: Mahāmati, há alguns filósofos que são viciados no negativismo, e de acordo com suas visões filosóficas a não-existência dos chifres da lebre é averiguada por meio do intelecto

¹¹ “O Manas é um monstro de duas cabeças, com uma face olhando para o Ālaya e a outra para as Vijñānas. Ele não entende o que o Ālaya realmente é. Sendo a discriminação uma de suas funções fundamentais, ele enxerga ali a multiplicidade e a agarra como sendo final. Essa agarrança agora o liga a um mundo de particulares. Assim, o desejo é mãe e a ignorância pai, e esta existência se firma. Mas o Manas é também uma espada de dois fios. Quando nela ocorre a “virada” (*parāvṛitti*), muda todo o arranjo de coisas na Vijñānakāya ou Citta-kalāpa. Com um golpe da espada as pluralidades são cortadas e a Ālaya é vista em sua forma nativa (*svalakṣhaṇa*), ou seja, como realidade solitária (*viviktadharmā*), que está desde o início além da discriminação. É claro que o Manas não é um trabalhador independente, ele sempre é dependente da Ālaya, sem a qual ele não teria uma razão para ser o que é; mas ao mesmo tempo a Ālaya também é dependente do Manas. A Ālaya é absolutamente una, mas esta unidade só ganha significância quando ela é realizada pelo Manas e reconhecida como seu própria suporte (*ālamba*). Este relacionamento é muito sutil para ser percebido por mentes ordinárias que encontram-se sufocadas com máculas e ideias falsas desde o começo do tempo sem início” (SUZUKI, 1932, p. xxiv).

¹² Na tradição budista, “karma” denota uma ação dirigida por uma intenção, que leva a consequências futuras. Tais intenções seriam determinantes para o tipo de renascimento previsto no *samsāra* (ciclo de renascimento) (Wikipédia).

discriminador que afirma que a natureza própria das coisas deixa de existir com a destruição de suas causas; e eles dizem que todas as coisas são não-existentes, assim como os chifres da lebre.

Novamente, Mahāmati, há aqueles que, vendo que existem distinções nas coisas, com respeito aos elementos, qualidades, átomos, substâncias, formações e posições, e ligados à noção de que os chifres da lebre são não-existentes, afirmam que o touro tem chifres.

E há aqueles, Mahāmati, que caíram na [47] maneira dualista de pensar, sem poderem compreender a verdade da Somente-mente; eles desejam discriminar um mundo que é da própria Mente. Mahāmati, corpo, propriedade e abrigo têm sua existência apenas quando medidos na discriminação. Os chifres da lebre nem são, nem não são; nenhuma discriminação deve ser feita a respeito deles. Assim é, Mahāmati, com todas as coisas, das quais não se pode predicar nem o ser nem o não-ser; não faça discriminação sobre eles!

Novamente, Mahāmati, aqueles que foram para além do ser e do não-ser não apreciam mais o pensamento que a lebre não tem chifres; pois eles nunca pensam que a lebre não tem chifres por causa de referência mútua, e nem pensam que o touro tem chifres, pois nenhuma substância última pode ser obtida, por mais minuciosamente que a análise dos chifres pode ser levada até a partícula mais sutil conhecida como átomo: [ou seja] o estado em que a nobre sabedoria é realizada está para além do ser e do não-ser. [...]

[...] [108] § LIII. Quatro espécies de Nirvana [paz superior] e oito Vijñānas [consciências]

Além do mais, Mahāmati, há quatro espécies de Nirvana [segundo os filósofos]. Quais são as quatro? Elas são: (1) o Nirvana que é atingido quando a natureza própria de todas as coisas é vista como não-entidade; (2) o Nirvana que é atingido quando variedades de marcas individuais caracterizando todas as coisas são vistas como [109] não-entidades; (3) o Nirvana que é atingido quando há o reconhecimento da não-existência de um ser dotado com seus próprios atributos; e (4) o Nirvana que é atingido quando ocorre a separação da ligação que condiciona a continuação da individualidade e generalidade dos Skandhas.¹³ Mahāmati, essas quatro visões do Nirvana pertencem aos filósofos, e não são meus ensinamentos. De acordo com meu ensinamento, Mahāmati, o que é chamado Nirvana é o desfazer-se da Manovijñāna discriminativa.

Mahāmati falou: O Abençoado não estabelece oito Vijñānas?

O Abençoado respondeu: Sim, assim o faço.

Mahāmati falou: Se são estabelecidas oito Vijñānas, por que você se refere apenas ao desfazer-se da Manovijñāna e não [também] ao das [outras] sete Vijñānas?

O Abençoado falou: Com a Manovijñāna como causa e apoiadora, Mahāmati, emergem as sete Vijñānas. Novamente, Mahāmati, a Manovijñāna é mantida em funcionamento, enquanto discerne um mundo de objetos e torna-se ligada a ele, e alimenta a Ālayavijñāna. O Manas evolui junto com a noção do ego e suas posses, às quais se agarra e nas quais se reflete. Ele não tem um corpo próprio, nem marcas próprias; a Ālayavijñāna é sua causa e apoio. Porque o mundo que é a própria Mente é imaginado como sendo real e ligado a ela como tal, o sistema psíquico inteiro evolui com condicionamento mútuo. Como as ondas do oceano, Mahāmati, o mundo que é manifestado mentalmente é agitado pelo vento da objetividade, e evolui e se dissolve. Assim, Mahāmati, quando a Manovijñāna é descartada, as sete Vijñānas também são descartadas. [...]

¹³ *Skandha* são agregados, os aspectos que constituem o ser senciente. Os cinco skandhas são: forma material (*rūpa*), sentimento (*vedanā*), percepção (*saṃjñā*), formação mental (*saṅkhāra*) e consciência (*vijñāna*) (fonte: Wikipédia).